




HISTÓRIAS E MAIS HISTÓRIAS: LITERATURA ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

STORIES AND MORE STORIES: ANTI-RACIST LITERATURE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

HISTORIAS Y MÁS HISTORIAS: LITERATURA ANTIRRACISTA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

 <https://doi.org/10.56238/levv16n50-050>

Data de submissão: 17/06/2025

Data de publicação: 17/07/2025

Luciana Silva dos Santos

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil.
Mestranda em Educação na Universidade Federal da Paraíba – PPGE-UFPB
E-mail: luciannasilva101@gmail.com

Diego dos Santos Reis

Orientador

Professor do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
E-mail: diegoreis.br@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho parte de discussões e reflexões geradas nos encontros do Grupo de Pesquisa Travessias, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O estudo apresenta contribuições e orientações referentes à importância da literatura infantil afro-brasileira na Educação Infantil, para promoção de uma cultura escolar antirracista, que faça frente às diversas formas de violência racial reproduzidas nos espaços educativos. O foco principal do estudo é abordar como as instituições educativas podem contribuir de forma significativa ao antirracismo, a partir de estratégias pedagógicas para sua aplicação no contexto escolar. Dessa forma, será possível romper com estereótipos negativos, superar preconceitos e construir uma educação antirracista que valorize as infâncias negras. A pesquisa, de caráter exploratório e bibliográfico, traz contribuições dos estudos de Nilma Lino Gomes (2003 e 2008), bell hooks (2023), Eliane Cavalleiro (2023), entre outros/as. Conclui-se que as literaturas infantis afro-brasileiras, nas salas de referência, são essenciais para o letramento racial das infâncias, a fim de colaborar com o reconhecimento e valorização das identidades negras.

Palavras-chave: Literatura Antirracista. Educação Infantil. Identidade.

ABSTRACT

This work is based on discussions and reflections generated during meetings of the Travessias Research Group at the Federal University of Paraíba (UFPB). The study presents contributions and guidance regarding the importance of Afro-Brazilian children's literature in early childhood education for promoting an anti-racist school culture that confronts the various forms of racial violence reproduced in educational settings. The main focus of the study is to address how educational institutions can contribute significantly to anti-racism through pedagogical strategies for implementation in the school context. This will help break negative stereotypes, overcome prejudices, and build an anti-racist

education that values Black children. This exploratory and bibliographical research draws on the work of Nilma Lino Gomes (2003 and 2008), bell hooks (2023), and Eliane Cavalleiro (2023), among others. It is concluded that Afro-Brazilian children's literature, in classrooms, is essential for children's racial literacy, contributing to the recognition and appreciation of Black identities.

Keywords: Antiracist Literature. Early childhood Education. Identity.

RESUMEN

Este trabajo se basa en debates y reflexiones generados durante las reuniones del Grupo de Investigación Travessias de la Universidad Federal de Paraíba (UFPB). El estudio presenta contribuciones y orientaciones sobre la importancia de la literatura infantil afrobrasileña en la educación infantil para promover una cultura escolar antirracista que combata las diversas formas de violencia racial que se reproducen en los entornos educativos. El objetivo principal del estudio es abordar cómo las instituciones educativas pueden contribuir significativamente al antirracismo mediante estrategias pedagógicas para su implementación en el contexto escolar. Esto ayudará a romper estereotipos negativos, superar prejuicios y construir una educación antirracista que valore a la infancia negra. Esta investigación exploratoria y bibliográfica se basa en el trabajo de Nilma Lino Gomes (2003 y 2008), bell hooks (2023) y Eliane Cavalleiro (2023), entre otros. Se concluye que la literatura infantil afrobrasileña, en las aulas, es esencial para la alfabetización racial infantil, contribuyendo al reconocimiento y la valoración de las identidades negras.

Palabras clave: Literatura Antirracista. Educación Infantil. Identidad.

1 INTRODUÇÃO

A literatura infantil é fundamental para formação das identidades na infância, tendo em vista que constitui importante elemento formativo e criativo nesta fase do desenvolvimento humano. A literatura oportuniza que as crianças desenvolvam a empatia, compreensão, respeito à diversidade e a valorização das identidades e representatividades, essenciais para vida social.

No que se refere à Educação Infantil, que é a primeira etapa da educação básica, e é oferecida em creches e pré-escolas, públicos ou privados, ela volta-se a crianças de 0 a 5 anos de idade. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), a Educação Infantil “tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, abrangendo os aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a atuação da família e da comunidade”. Desenvolvimento integral, que não pode prescindir do reconhecimento das diferenças e especificidades de sujeitos atravessados por distintos marcadores sociais, culturais e raciais.

Partindo desses pressupostos, o foco nas infâncias negras afirma o necessário compromisso em visibilizar representações e histórias negras de modo positivo, para o fortalecimento das identidades negras desde da Educação Infantil, dadas as diversas formas de racismo e inferiorização que experimentam, com impactos significativos em suas trajetórias escolares. Assim, defendemos um saberfazer pedagógico antirracista, conforme Rodrigues (2023), que não desconsidere que as práticas implicadas com o antirracismo precisam estar presentes na formação das infâncias.

A literatura antirracista permite que as crianças negras se vejam representadas de maneira positiva e que elas sejam protagonistas de suas próprias histórias. Além disso, oferece às infâncias não negras a oportunidade de conhecer, respeitar e valorizar os sujeitos negros, bem como elementos culturais distintos daquele hegemônico, respaldados pela branquitude. O contato com diversas narrativas de autores/as negros/as promove um ambiente educacional mais diverso, ajudando a combater os estereótipos, estigmas e preconceitos raciais desde cedo.

Rompe-se, ainda, com o imaginário segundo o qual a população negra não tem importância na construção simbólica e material do país, reduzida às imagens da escravidão e da dor. A descolonização curricular opera na valorização das múltiplas identidades e diversidades, compreendendo que a criança na Educação Infantil está em processo de construção de sua identidade e formação social. É nesse período que ela conhece e desenvolve habilidades sociais, emocionais, valores, crenças etc, e aprende sobre si e sobre o outro. Como pondera Santana (2006, p. 31):

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança construirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se constituir nesse período.

Assim, como a literatura antirracista pode contribuir para a valorização, respeito e cultura afro-brasileira na sala de referência da Educação Infantil? De que modo a formação pautada pelos valores afro-brasileiros, de outro lado, ressignifica preconceitos, imagens e sentidos prontos sobre a negritude, redimensionando seu valor e suas formas?

Nosso intuito é destacar a importância da literatura infantil afro-brasileira desde a Educação Infantil para promoção de uma cultura efetivamente antirracista. Tal estudo tem como foco principal as reflexões acerca da importância da literatura antirracista e como ela pode contribuir de forma significativa, a partir de estratégias pedagógicas para sua aplicação nos espaços educativos.

O trabalho é de grande relevância social e se constitui como pesquisa de caráter exploratório e de bibliográfico, com contribuições dos estudos de autoras como Nilma Lino Gomes (2003 e 2008), bell hooks (2023), Eliane Cavalleiro (2023), entre outros/as.

2 LITERATURA ANTIRRACISTA NA SALA DE REFERÊNCIA

O letramento racial é essencial para todas as pessoas, inclusive crianças pequenas. Mas será que os/as educadores/as estão preparados/as para isso? O que se espera que as crianças aprendam? A serem capazes de extrair informações e decifrar códigos? Onde estão as histórias com personagens negros na educação infantil?

Os/as educadores/as têm um papel central na implementação da literatura antirracista e é fundamental que estejam preparados para lidar com as questões raciais de forma sensível e consciente, buscando conhecimento fundamentado sobre o tema. A formação continuada e a troca de experiências entre educadores/as fortalecem o letramento racial e são essenciais para a criação de um ambiente educativo implicado com o antirracismo não apenas na teoria, mas em suas práticas. Quanto aos espaços educativos e a questão da diversidade étnico-racial, vale registrar que:

As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Dependendo da forma como é entendida e tratada a questão da diversidade étnico-racial, as instituições podem auxiliar as crianças a valorizar sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser ou, pelo contrário, favorecer a discriminação quando silenciam diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva ou quando silenciam diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras (SECAD, 2006, p. 46).

As instituições educativas devem ser espaços de acolhimento, onde as identidades, culturas/raciais estejam representadas e sejam respeitadas e valorizadas. A literatura antirracista, por sua vez, possibilita a desconstrução de preconceitos e a valorização da negritude. Concordamos com Nilma Lino Gomes que:

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações

negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (Gomes, 2003, p. 170).

As literaturas voltadas para a Educação Infantil com uma abordagem antirracista tratam de histórias que valorizam as produções de pessoas negras; que fortalecem as identidades negras, a representatividade, o protagonismo, as culturas, tradições e histórias afro-brasileiras e africanas. Diante disso, há **estratégias de cunho pedagógico para a aplicação da literatura antirracista** na sala de referência da Educação Infantil, enriquecidas por meio de várias abordagens que engajam as crianças de forma lúdica. Pode-se citar algumas estratégias como:

- **Leitura dialogada e compartilhada:** Estimular na criança questionamentos e reflexões sobre a história, provocar que elas nomeiem as/os personagens, estimular para que elas criem sons e falas dos personagens, incentivar o debate sobre diversidade e racismo de forma lúdica.
- **Atividades artísticas:** Propor desenhos espontâneos, colagens, teatro com fantoche ou dedochê baseados nas histórias lidas para reforçar a mensagem das literaturas lidas e ou criadas.
- **Brincadeiras e jogos representativos:** Disponibilizar bonecos, quebra-cabeças, jogos, instrumentos de música de matriz africana (físico ou imagem), dança e outros materiais pedagógicos que valorizem a diversidade racial.
- **Convite a autores/as e contadores/as de histórias negros:** Possibilitar o contato direto das crianças com produtores/as culturais negros/as, fortalecendo a representatividade e identidade negra.

Compreendemos a importância e impacto que a educação tem na sociedade, e a defesa para que ela seja transformadora. Segundo Freire (2000, p. 31), “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. É preciso que a escola compreenda o seu papel e promova a educação antirracista em seus cotidianos.

Por meio da luta de movimentos sociais negros, ancorado na Lei 10.639/03, o Ministério da Educação publicou, em 2004, o Parecer 03/2004, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Posteriormente, em 2006, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), são lançadas as “*Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*”, com objetivo de promover reflexões políticas e pedagógicas nas escolas referente à educação antirracista. Com essa política, compreendemos que a educação antirracista vai além do conhecimento de habilidades de leitura e escrita, pois se trata da produção de valores e princípios históricos que abrangem também as infâncias no Brasil.

A literatura antirracista, nesse sentido, pode contribuir para desenvolvimento da criatividade, imaginação e respeito, bem como de habilidades emocionais, sociais e afetivas de todas as crianças.

Assim, é preciso que seja contemplada a educação antirracista desde a Educação Infantil, com apoio nas literaturas infantis afro-brasileiras, como: *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França; *O Cabelo de Lelé*, de Valéria Belém; *Meu Crespo é de Rainha*, de bell hooks; *Bucala, a pequena princesa do quilombo do Cabula*, de Daniel Santana; *Pequeno Manual Antirracista* (versão adaptada para crianças), de Djamila Ribeiro.

Concordamos com Coelho (1991, p. 17), para quem a “Literatura é uma abertura para mentalidade [...] que objetiva a educação integral da criança, proporcionando-lhe a educação humanista e ajudando na formação de seu próprio estilo”. A literatura antirracista, assim, combate o racismo e promove o ideário da igualdade racial, por meio de narrativas que trazem reflexões, questionamentos e desafiam estereótipos, preconceitos e discriminação racial.

3 “TORNAR-SE NEGRO/A”: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E PERTENCIMENTO ÉTNICO RACIAL

Por que escrevo? Por que escrevemos? Porque nos tornamos o que somos e o que sabemos. Descobrir quem somos não está dentro de nós quando nascemos; está nos nossos passos, nas caminhadas, andanças da vida cotidiana que vivemos. Assim, conto uma pequena história que traz à tona a importância da literatura antirracista desde da educação infantil.

Era uma vez uma garotinha negra, que não sabia que era negra. Ela descobriu sua identidade na vida adulta de sua infância interior. Ela não se encontrava, nem se encantava com sua beleza de menina negra. O que a corroía em sua pele negra, que não lhe permitia ver a beleza dos encantos e de seus passos? Lá estava aquela menina sobrecarregada da vida, que não amava... Essa criança era eu, que minha identidade negava. Me descobri, na vida adulta da minha infância interior, a partir dos olhares que me faziam questionar.

Na verdade, quem eu era de fato neste lugar? Me faltou letramento racial, para minha identidade aceitar, eu não aceitava meu crespo natural e sofria discriminação, preconceito e racismo, e achava que era *bullying*, mas não. Foi na fase adulta que encontrei minhas raízes, longe de casa. “África” me chamava para as terras africanas, em histórias de lutas, em que as histórias de mulheres fortes me marcavam e mostraram meu lugar, que ser uma mulher negra, poderosa, forte o suficiente para me desconstruir e me reconstruir novamente, pedaço por pedaço, mesmo que fosse dolorido. Me encontrei, encantei, apaixonei em cada história, cultura, em cada linha do meu rosto e curvas do meu corpo, em cada cacho dos meus cabelos, e descobri, me tornei negra aos meus trinta e um anos de idade. O que mais envergonhava aquela garotinha era seu cabelo crespo, que lhe fazia se sentir minoria ou com baixa autoestima e vazia. Como lembra Gomes:

As experiências do negro em relação ao cabelo começam muito cedo. Mas engana-se quem pensar que tal processo inicia-se com o uso de produtos químicos ou o alisamento do cabelo

com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, pela tia, pela irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra, hoje, uma mulher adulta, como o penteado preferido da infância (Gomes, 2008, p. 184).

Diante disso, aquela garotinha até sua vida adulta era incentivada e obcecada a mudar a estrutura dos seus cabelos crespos, submetendo-se a processos químicos. Mas... E se ela tivesse na sua infância a educação antirracista? Com certeza, teria sido diferente. Hoje, ela é negra e orgulhosa por sua identidade. Não é mais a menina que se escondia, que se envergonhava; ela recomeçou. Eu sou a mulher que se ergueu, que se encontrou e abriu novos caminhos e possibilidades. Eu sou a garotinha adulta que se viu com outros olhos e se possibilitou ser quem realmente é: *negra*.

Concordo com Nilma Lino Gomes (2023, p. 161) que: “[...] Na história de cada criança negra é possível encontrar fragmentos da história de todas as crianças negras [...]”. E que “[...] Na história de cada mulher negra é possível encontrar sinais de histórias de todas as mulheres negras [...]”. Conforme estudo do comitê científico do Núcleo Ciência pela Infância (NCPI), a questão racial acaba gerando um grande impacto na vida adulta das crianças negras, e algumas problemáticas e efeitos do racismo na Educação Infantil como:

Rejeição da própria imagem e impacto na autoestima; construção de uma identidade racial desvalorizada; restrições para realizar sua capacidade intelectual; problemas de socialização e inibição comportamental; propensão ao desenvolvimento de doenças crônicas na vida adulta; violência doméstica; estresse tóxico; ansiedade, fobia, depressão; e dificuldade de confiar em si mesmo (NCPI, 2021, p. 11).

A aceitação para o *torna-se negro* ou não depende da sua relação com seu próprio corpo, nas linhas de Souza (2021). O cabelo é o símbolo da identidade da pessoa negra, por isso a diversidade e as identidades precisam ser respeitadas, reconhecidas e festejadas. Com bell hooks (2018, p. 27-28), destaco que “*Meu crespo é de rainha*”. Nessa obra, a autora sublinha, empodera e enaltece a criança negra, com fortalecimento de sua autoestima, ao destacar a beleza do cabelo crespo com várias ilustrações vívidas, alegres, e modelos de penteados afros, estilosos.

Antes que a criança aprenda o registro escrito da língua, ela precisa ouvir e contar histórias na infância que dialoguem com questões raciais. As literaturas antirracistas possibilitam a construção de identidades afirmativas de qualquer criança, pois “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (Abramovich, 1995 p. 16).

Reafirmo que essas identidades estão no processo de serem constituídas com seu pertencimento, com o “torna-se negro” e partem dessas interações e vivências na sala de referência e através da literatura infantil antirracista será despertado nelas a imaginação, criatividade, o mundo do

faz de conta, mas também as histórias reais que marcam séculos de resistência na história do negro no Brasil.

O esforço em implementar a literatura infantil antirracista na Educação Infantil tem sido um grande desafio, tendo em vista que já se passaram 22 anos da promulgação da lei 10.639/03 e que a maior parte da literatura infantil voltada para esse público continua tendo as marcas de uma educação colonizadora e com personagens brancos, que representam padrão de beleza, verdade e bondade, exclusivamente, apagando o negro da história. É preciso romper com estereótipos negativos, em prol da construção de uma educação antirracista que valorize também as infâncias negras.

Nos debates e encontros do grupo de pesquisa Travessias, que se reúne no NEABI da Universidade Federal da Paraíba, foi perceptível o quanto a literatura afro-brasileira abre caminhos e possibilidades para o letramento racial crítico. É importante destacar que, nessa pesquisa, a maioria dos autores/as mobilizados/as é negra, pois não há como falar identidades e diversidade étnico-racial sem a representatividade negra, com epistemologias negras.

Com a literatura antirracista, podemos contar e encantar com histórias orais, possibilitando que as crianças se envolvam, conhecendo personagens negros/as, culturas, lugares, costumes, com diferentes versões de uma única história, pois as histórias narram, falam, são vivas, vibrantes, contagiantes, como vento que sopra, e como trovões barulhentos, como tempestades e a música ao som de um violão.

As histórias contam que vencemos e tudo que sabemos é que com as histórias aprendemos. Aprendemos a amar, a perdoar, a vibrar, a chorar, pois contar histórias é reler e narrar o mundo. Portanto, a literatura infantil afro-brasileira é indispensável na sala de referência, para narrar outras histórias e contar as histórias, muitas vezes, não apenas contadas por nós, mas sobre nós, com beleza, positividade e afirmação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde há contos, há encantos e encontros entre as narrativas das histórias e mais histórias, verdadeiros espaços de luta contra o racismo. As histórias e mais histórias do negro no Brasil precisam ser contadas e vivenciadas. O letramento racial, em suas práticas cotidianas na sala de referência, desde a Educação Infantil, ensina as relações raciais positivas às crianças negras e não negras. A literatura antirracista na Educação Infantil é uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa e plural. A seleção cuidadosa de obras, aliadas a estratégias pedagógicas intencionais e refletidas, possibilita que as crianças cresçam respeitando diferenças, afirmando a si e à cultura, rejeitando qualquer forma de discriminação, preconceito e racismo. O compromisso com uma educação antirracista é um passo fundamental para transformação social e as instituições educativas têm um



papel crucial nessa história. Ou melhor, nessas histórias que, atravessando o Atlântico, nos ensinam a reaprender a ver o mundo.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MEC, 1998.
- CAVALLEIRO, E. S. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023.
- COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1991.
- FREIRE, P. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GOMES, N. L. Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 165-185, maio/ago. 2003.
- GOMES, N. L. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GOMES, N. L. (org.). Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003. Brasília: MEC, UNESCO, 2012. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260516>. Acesso em: 15 dez. 2022.
- GOMES, N. L. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- GOMES, N. L.; ARAÚJO, M. (org.). Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2023.
- HOOKS, B. Meu crespo é de rainha. São Paulo: Boitatá Editora, 2018.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006.
- NCPI. Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2021. Disponível em: https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2021/10/WP_7_Racismo-Educ-Infantil-e-Desenvolvimento-da-Primeira-Infancia.pdf. Acesso em: 27 fev. 2025.
- RODRIGUES, L. F. Relações étnico-raciais e infâncias negras: racialidades e vozes em diálogo em prol de um saber-fazer pedagógico antirracista. 2023. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2023.
- SANTANA, P. M. S. Educação infantil. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais. Brasília: SECAD, 2006. p. 31-51.
- SOUZA, N. S. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.